

# Funai debate questão nhambiquara

28/10/75

ESP Da Sucursal de  
BRASILIA

"O vale do Guaporé está, hoje em dia, praticamente nas mãos de particulares, quase todos com certidões negativas da própria Funai confirmando a ausência de grupos indígenas na área. Isso mostra que nem a lei, nem a própria Constituição foi respeitada e os órgãos aos quais competia a execução da lei não tinham o poder ou o interesse de cumpri-la. A situação do índio nhambiquara é uma vergonha nacional". A afirmação foi feita ontem, na abertura do simpósio que está sendo realizado por iniciativa da Funai em Brasília para buscar uma solução para o problema desse grupo indígena do Norte de Mato Grosso.

Cerca de 30 antropólogos e indigenistas foram convocados pela Funai para debater junto ao Conselho Indigenista do órgão a situação dos 623 índios que, durante o governo passado, foram desalojados de seu habitat natural, no fértil vale do Guaporé, em Mato Grosso, e transferidos para uma reserva árida, no mesmo Estado. Entre os presentes, Orlando Villas Boas; Eduardo Galvão, do Museu Goeldi de Belém; Roque Laraia e Julio Cesar Melatti, da Universidade de Brasília; Pedro Agostinho, da Universidade da Bahia; e o antropólogo Carlos Moreira Neto.

Apesar das diversas alternativas de solução apresentadas no primeiro dia do simpósio,

num ponto todos os presentes concordaram: a situação dos índios é dramática, exigindo, uma ação rápida da Funai para evitar o extermínio do grupo. O antropólogo encarregado do projeto nhambiquara, David Price, afirmou que os índios estão vivendo de esmolas dadas pelos fazendeiros, "enquanto as derrubadas de florestas avançam a uma enorme velocidade por todo o vale do Guaporé, destruindo a possibilidade de sobrevivência do grupo". Para o antropólogo, a situação atual de miséria desses índios deve-se não somente à destruição do meio ambiente, mas ao contato com as fazen-

das e a dependência com elas estabelecidas.

Afirmou que, quando a administração anterior da Funai decidiu transferir os nhambiquara para uma nova reserva, fora do Guaporé, foi cometido um erro básico. "Atribuímos isso a uma desinformação assustadora, por parte dos responsáveis. Além da reserva ter quase um milhão de hectares de campo, cerrado e areial inútil, a parte Nordeste nem pertencia à região nhambiquara, sendo habitada por um grupo indígena pareci".

Contou o antropólogo que os índios transferidos para a nova reserva não se adaptaram

às condições locais, e, a partir do ano passado, começaram a retornar espontaneamente ao Guaporé, já praticamente ocupado por empresas agropecuárias do Sul do País. A solução, para Price, está em criar-se uma ou duas reservas de tamanho razoável, capazes de abrigar vários grupos, em terras que são aceitáveis, de acordo com critérios dos próprios índios.

Os antropólogos e indigenistas presentes dividiram-se nessa questão. Carlos Moreira Neto defendeu a criação de pequenas reservas e a adoção de uma medida de caráter de urgência: determinar a paralisa-

ção do trabalho de expansão das fazendas já instaladas, para preservação das áreas ainda intocadas, onde seriam criadas as reservas. O antropólogo da Funai, Peter Silverwood, manifestou-se contra a sugestão, argumentando que os índios continuariam transitando pelas fazendas.

Eduardo Galvão, do Museu Goeldi, por sua vez, mostrou-se pessimista quanto ao futuro do índio em geral. Para ele, a crescente ocupação da Amazônia não vai poupar o índio. "Com essa política aplicada na região, o índio vai acabar desaparecendo, não tenho ilusões".

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Estado de S. Paulo*

Class.: 216

Data: 28/10/75

Pg.: \_\_\_\_\_